

## DESCORTINANDO O CÂNONE: MANEIRAS DE LER A *HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR

Carina de Sousa Santos<sup>1</sup>  
Reginaldo Silva Araujo<sup>2</sup>  
Filismina Fernandes Saraiva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Consagrada por seus grandes clássicos, a Literatura Canônica vislumbra o prestígio, mas também perpetua a não inclusão ao ocultar muitas obras em seu processo de seleção. A partir dessa compreensão e fruto das reflexões de dois graduandos de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, o presente artigo evidencia conhecimentos obtidos por meio do componente curricular *Cânones e Contextos na Literatura Brasileira*. No texto, apresentam-se leituras canônicas e desconstruções críticas: maneiras de ler *A Hora da Estrela* (1998) de Clarice Lispector. Utiliza-se, para isso, como respaldo teórico primordial, Reis (1992) e contribuições teóricas de Baccega (1998), Borges (2014), Bottomore (2001), Coutinho (1996), Freire; Teixeira (2015), Guattari; Deleuze (2003), Hall (2006), Jacomel (2008), Koontz (2018), Lexicon (1998), Masi; Amato (2009), Oliveira (c2020), Sá (2004) e Soares (2002). O trabalho objetiva apresentar uma nova “maneira de ler” as obras canônicas baseando-se, para isso, na proposição de Reis (1992). Para a construção do texto, empregou-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico com livros e artigos científicos que contemplam a temática em questão. Os resultados obtidos evidenciam que nas leituras dos clássicos, assim como da novela analisada, além do deleite, devem ser observadas as complexidades que envolvem o processo de canonização literária com vistas ao seu questionamento e desconstrução crítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cânones. *A Hora da Estrela*. Clarice Lispector. Maneiras de ler.

### Introdução

São canônicas as obras literárias clássicas dos grandes autores que emergem de críticas seleções. Se de um lado o cânone parece favorecer alguns escritores e suas escritas, por outro, muitos são relegados a um segundo plano. Assim, quais seriam as características observáveis para o questionamento dos critérios utilizados na escolha dos cânones? Partindo

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XXIII* – Seabra.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – *Campus XXIII* – Seabra.

<sup>3</sup> Mestra em Crítica Cultural (UNEB); Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), membro do Grupo de Pesquisa *Crítica Literária e Identidade Cultural*, orienta bolsistas de Iniciação Científica e Iniciação à Docência e atua principalmente nas áreas de Literatura Afro-brasileira e Baiana.

dessa questão, o presente texto apresenta leituras e desconstruções críticas de *A Hora da Estrela*<sup>4</sup> de Clarice Lispector.

Para isso, objetiva-se expor “maneiras de ler” AHE, o *corpus* em questão, a partir das proposições de Reis (1992). Dessa forma, colabora-se para a proposta de que AHE seja utilizada, no ensino básico (6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio), por leitores em processo de escolarização, possibilitando que estes possam enxergar os meandros da instituição canonizante.

Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico em periódicos, obras literárias e livros científicos. As análises baseiam-se, primordialmente, em Reis (1992) e Lispector (1998). Além desses, foram utilizadas as contribuições teóricas de Baccega (1998), Borges (2014), Bottomore (2001), Coutinho (1996), Freire; Teixeira (2015), Guattari; Deleuze (2003), Hall (2006), Jacomel (2008), Koontz (2018), Lexicon (1998), Masi; Amato (2009), Oliveira (c2020), Sá (2004) e Soares (2002).

O artigo encontra-se organizado nas seguintes seções: a primeira, *Por uma desconstrução canônica*, expõe o conceito de cânone, os seus critérios para seleção de textos/autores e discorre sobre “maneiras de ler” o texto literário; na segunda seção, *Lispector, Clarice*, a biografia da escritora ucraniana, naturalizada brasileira, é condensada, bem como é resumido o texto que serve como *corpus*; a terceira parte expõe “maneiras de ler” AHE, principiando pela lente *O discurso cultural da elite em AHE* e seguindo nas duas subseções, a saber: *Diferentes leituras de AHE: classe e sexo em foco* e *Gênero e raça em AHE*; por fim, na última parte do texto, as considerações finais exprimem tanto o desejo de fruição estética da obra de Lispector, quanto o anseio por uma desconstrução da leitura canônica.

## 1 Por uma desconstrução canônica

No curso de Letras, a cada novo componente curricular, apresentam-se diversos conhecimentos e percepções sobre os mais diferentes aspectos que fomentam a formação do profissional. Em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, essas possibilidades ocorrem em seus cursistas, favorecendo-lhes a descoberta de aprendizagens

<sup>4</sup> Doravante adotar-se-á a sigla AHE para a obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector; 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

decorrentes dos estudos do amplo espectro que é o campo das linguagens. Assim, a partir do componente curricular *Cânones e Contextos na Literatura Brasileira*<sup>5</sup>, as discussões acerca do cânone permitiram constatações e indagações observadas ou não nos processos que envolvem uma categorização de obras literárias. Assim, é possível estabelecer, tomando por base as considerações efetuadas por Reis (1992), desconstruções críticas sobre as “obras-modelos”, sendo estas necessárias para se pensar nas relações em que na escrita se estabelecem as esferas do poder.

Tendo em vista sua necessidade, a escrita, desde os seus primórdios, torna viva a história de um povo através de registros, oferecendo um papel fundamental na comunicação e atuando como força de prestígio aos que a possuem. Foi utilizada como instrumento de dominação em relação aos povos de culturas ágrafas, julgados “sem educação”, e, dessa forma, entendidos como um povo que necessitava ser “educado” por nações que detinham tal habilidade e poder.

Com isso, pode-se perceber que, na história da humanidade, a escrita atribui privilégios àqueles que a detêm. Conforme salienta Reis (1992):

a linguagem também hierarquiza e engendra em seu bojo mecanismos de poder, na medida em que ela articula e está articulada pelas significações forjadas no seio de uma dada cultura, no interior da qual, como ficou dito, as ideologias estão operando para garantir a dominação social. As sociedades que têm escrita usaram e abusaram do alfabeto como forma de subjugar as culturas “ágrafas” e esta foi uma das maneiras como, por exemplo, os europeus colonizaram os povos do chamado Terceiro Mundo (REIS, 1992, p. 2).

O autor ainda acrescenta que,

por trás de noções como linguagem, cultura, escrita e literatura, mesmo se não as tratarmos (como seria mais indicado) em termos históricos e menos abrangentes, se esconde a noção de poder. Para trabalhar o conceito de “cânon” é importante ter em mente este horizonte, pois o que se pretende, ao se questionar o processo de canonização de obras literárias é, em última instância, colocar em xeque os mecanismos de poder a ele subjacentes (REIS, 1992, p. 2).

<sup>5</sup> Componente curricular do curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XXIII – Seabra – BA*, ministrado pela Docente Mestre Filismina Fernandes Saraiva (UNEB).

Para compreender o processo abordado pelo referido autor, é preciso atentar-se ao fato de que a canonização sempre estará associada ao poder, aos interesses de classe da burguesia e à ideologia da época. Coutinho (1996) expõe que “discutir o cânone nada mais é do que pôr em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores de poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante” (COUTINHO, 1996, p. 70). O termo cânone, para Reis (1992),

nas artes em geral e na literatura, [...] significa um perene e exemplar conjunto de obras — os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres — um patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta “humanidade” é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável (REIS, 1992, p. 3).

A crítica feita por Reis cria inquietações nos leitores, pois quando se fala em cânone literário o que vem à mente da maioria das pessoas são os grandes clássicos da literatura que “devem” ser passados e contemplados pelas próximas gerações. Surge, então, o questionamento: de que maneira e em que circunstâncias ocorrem tais seleções? Para responder essa indagação, é preciso partir da hipótese de que toda escolha, ao tempo que elege opções, exclui muitas outras.

Quando se atribui o *status* de canônico a um autor e/ou obra literária, os interesses daqueles que detêm o poder de fazê-lo emergem, propiciando, assim, a segregação da escrita de grupos socialmente excluídos na sociedade — mulheres, negros, homossexuais, entre outros — que têm seus escritos ocultados devido a uma ideologia que privilegia os interesses da burguesia. Dessa maneira, é notório que:

o cânone literário é uma seleção fundamentada em fatores extra-literários [*sic*], ou seja, não se restringem apenas às questões estéticas do texto literário, mas também a fatores sociais e morais do universo do escritor. Por isso, as “listas” não agregam mulheres, negros, ex-colonizados [*sic*], enfim, personalidades ex-centralizadas [*sic*] que não preenchem os critérios ideológicos estabelecidos pela crítica tradicional (JACOMEL, 2008, p. 5).

É fundamental o questionamento da eleição canônica de obras literárias, pois, como afirma Reis (1992), o critério:

[...] não pode se descurar do fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram o estatuto de literário àquele texto (e não a outros), canonizando-o [...]. A literatura parece ter sido uma dessas

grandes narrativas que [...] se prestou a consolidar a hegemonia das elites letradas. Sendo uma ideologia, tem ocultado e reforçado a divisão social, inclinando-se a transformar o discurso de uma classe em discurso de toda a sociedade. O discurso da chamada alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado (REIS, 1992, p. 3).

Assim sendo, quando observados, os grandes clássicos literários publicados, por exemplo, pelos árcades, românticos e modernistas — período em que o cânone era tido como verdade absoluta, isento de quaisquer questionamentos — nota-se a supremacia de homens brancos pertencentes ao topo da pirâmide social. Considera-se também que as obras dessas gerações de escritores, mesmo quando mencionavam o “povo”, figurava-se uma espécie de inversão do real, representando, ao contrário do que se pregava, a própria elite que produzia e consumia a literatura.

Desvencilhando-se da inquestionável soberania atribuída ao cânone literário, Reis (1992), como forma de desconstruí-lo, propõe “maneiras de ler” estas obras, pautando-se principalmente em analisar a produção literária pela sua história. Assim, rompe com as “rígidas barreiras de gênero, raça, classe e sexo, encobertas nos bastidores dos textos, pondo às claras uma sociedade hierarquizada que estava mascarada na ante-cena [*sic*] correspondente à dimensão mais epidérmica da narrativa” (REIS, 1992, p. 13). O aludido escritor alerta para pontos que devem ser examinados:

quem articulou o cânon — de que posição social falava, que interesses representava, qual seria seu público-alvo e qual a sua agenda política, qual o seu estatuto de classe, de gênero ou étnico, por quais critérios norteou a sua eleição e rejeição de obras e autores. A noção de valor e a atribuição de sentido não são empresas separáveis do contexto cultural e político em que se produzem, não podendo, por conseguinte, ser desconectadas de um quadro histórico. O significado de qualquer juízo de valor sempre depende, entre outras coisas, do contexto em que for emitido e de sua relação com os potenciais destinatários e a sua capacidade de afetá-los ou mesmo convencê-los (REIS, 1992, p. 5).

Observa-se, dessa forma, que não se intenciona pôr em xeque o *glamour* e o valor atribuído aos autores e obras canônicas, mas sim buscar entender que nesse processo de seleção são deixadas às margens questões que ultrapassam a interpretação do texto, a qual não se encerra nele próprio. É preciso que o leitor use sua autoridade sobre o escrito e teça uma interpretação ativando todos os *links* de sua bagagem cultural e conhecimentos prévios, transpondo os muros de uma mera análise “inocente”.



Portanto, os pontos apontados por Reis (1992) para desconstruir a visão dos cânones são: a observação ao discurso cultural da elite e às categorias classe, sexo, gênero e raça na obra literária. Esses são os alvos da investigação deste texto de um ponto de vista contemporâneo na novela AHE de Clarice Lispector, haja vista que no momento da publicação da obra, na segunda metade do século XX, as leituras e os pontos em destaques eram divergentes dos que serão avaliados.

## 2 Lispector, Clarice

Chaya Pinkhasovna Lispector, a Clarice Lispector, nasceu em 1920 na Ucrânia. No momento em que o antissemitismo se disseminou durante a Guerra Civil Russa, a família viu-se obrigada a fugir da Europa e, assim, chegaram ao Brasil. Devido à perseguição sofrida aos judeus na época, o pai decidiu que todos mudariam de nome, exceto uma das filhas. No Rio de Janeiro, a escritora passou a maior parte de sua vida, concluiu o segundo grau e ingressou na Faculdade Nacional de Direito. Após casar-se com um diplomata, viajou para o exterior, onde nasceram seus dois filhos. Tempos depois, Clarice voltou ao país com a separação do marido.

*Perto do Coração Selvagem* (1943) foi a primeira obra que escreveu, sendo bem aclamada pela crítica, recebendo, inclusive, o Prêmio Graça Aranha. Clarice publicou muitos outros livros, sendo alguns deles: *O lustre* (1946); *Alguns contos* (1952); *Laços de família* (1960), vencedor do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro; *A maçã no escuro* (1961), premiado como o melhor livro do ano em 1962; e *A hora da estrela* (1977), o último de sua carreira, o qual foi publicado no mesmo ano de sua morte.

AHE é descrito por Rodrigo S. M., narrador/personagem da história, e tem como protagonista “a nordestina” Macabéa, como enfatiza. A moça é uma jovem de 19 anos, nascida no sertão de Alagoas e que perdeu os pais aos dois anos de idade. Devido a esse fato, foi criada por uma tia, até que, quando essa única familiar morreu, passou a dividir um quarto com quatro Marias no subúrbio do Rio de Janeiro. Macabéa era virgem, gostava de ouvir a Rádio Relógio, de deliciar-se com uma goiabada com queijo, sonhava em ser uma estrela de cinema como Marilyn Monroe e, para sobreviver, trabalhava como datilógrafa.

No transcorrer da história, a jovem alagoana começa um namoro com o também nordestino Olímpico de Jesus, que, ao contrário dela, sonhava em crescer na vida. Ele

enxerga essa oportunidade em Glória, colega de trabalho da datilógrafa. Então, terminou o namoro para relacionar-se com a amiga da migrante. Para compensar o roubo do namorado, Glória pediu a Macabéa para procurar a cartomante Madame Carlota, a qual previu um ótimo futuro à menina. Quando a moça saía da casa de Carlota, já se via outra pessoa. Porém, ao descer da calçada para atravessar a rua, é tragicamente atropelada, chegando, assim, a sua Hora de Estrela. Como salienta Clarice, “[é] na hora da morte [que] a pessoa se torna brilhante estrela de cinema” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

AHE foi a produção em que Lispector mais se aproxima do povo ao focalizar suas atenções nas desigualdades entre os mais pobres e os mais afortunados. Essa obra foi “publicada em 1977, período de turbulência política e instabilidade no país, pairando uma expectativa acerca do fim do período ditatorial, [assim] o trabalho literário surge com um sentido explicitamente social” (MASI; AMATO, 2009, p. 22). Foram tempos em que a nação conviveu com a fome, a censura e a repressão. Importante ressaltar que:

à época em que [a] obra foi escrita, Lispector era corroída por um câncer em estágio terminal. Cogita-se que, percebendo que sua “*hora da estrela*” aproximava-se, compreendeu que poderia fazer a diferença antes do fim. A criação do único narrador masculino de sua inteira produção, indica a intenção de oferecer à narrativa um tom mais objetivo, sem parecer sentimental: “*porque escritora mulher pode lacrimejar piegas*” (MASI; AMATO, 2009, p. 24, grifos dos autores).

A temática da morte é por vezes abordada em AHE, mas esse não é o foco principal. O único narrador masculino de Clarice, Rodrigo S. M., é criado de forma a explicitar a diferença de classes entre ele e Macabéa, salientando que “a diferença social que o separa de Macabéa é tratada de forma abertamente cínica” (SÁ, 2004, p. 52) propositalmente para incomodar seus leitores.

Lispector confunde-se ao narrador/personagem quando insere características da sua própria realidade, como se observa neste trecho da novela: “sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos” (LISPECTOR, 1998, p. 12). A autora também se identifica com a personagem Macabéa, como afirma Soares (2002):

do mesmo modo que a identificação entre Clarice e Rodrigo, o duplo Clarice/Macabéa não é apenas uma intuição crítica. Ela está implícita e

explícita na construção da personagem [...]. Clarice e Macabéa vão se confundindo, via Rodrigo, através das miúdas misérias da alma, porque tanto uma quanto a outra sobraram. Não têm lugar na terra dos homens (SOARES, 2002, p. 77).

Tal aspecto configura-se como uma reflexão a respeito da falta de voz da mulher na sociedade.

A história de Macabéa destaca-se na crítica literária, dentre outras questões, pela abordagem social adotada. Essa novela apresenta uma interlocução entre personagens de Graciliano Ramos em *Vidas Secas* e *Os sertões* de Euclides da Cunha, demonstrando uma continuidade da temática do sertão nordestino na literatura modernista do século XX, porém com um viés novo ao adotar o intimismo (SÁ, 2004). A escritora, em entrevista a Júlio Lerner na TV Cultura (1977), revelou que alguns dos autores que a influenciaram foram Dostoiévski e Hermann Hesse, porém suas leituras eram motivadas pelos títulos das obras e não pelas autorias (OLIVEIRA, c2020).

### 3 O discurso cultural da elite em AHE

Em AHE, o discurso cultural da elite é notório em diferentes passagens com pontuações do narrador e dos personagens, sobretudo Macabéa. Isso é evidenciado através dos estereótipos que são utilizados na novela para caracterizar o nordestino. Por estereótipo entende-se que é:

[...] um reflexo/refração específica da realidade — ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, “entorta” —, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si [...] juízos de valor preconcebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade (BACCEGA, 1998, p. 10).

Estereótipos referentes aos migrantes nordestinos aparecem fortemente na novela. Essa região brasileira é, na obra literária, um expoente de fome, seca e mazelas sociais.

Em AHE, Rodrigo S. M. não descreve a história de Macabéa a partir do seu lugar de fala, pois ele é da classe média. Suas descrições e observações da personagem principal,



de sua vida, do nordestino e do migrante são, em certa medida, idealizadas, marcadas pelo estereótipo do que é o Nordeste e o seu povo para parcela da população brasileira. Assim sendo, para o narrador da trama, essa região brasileira é um local doentio: “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão — os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Com essa mesma perspectiva, sua visão do povo nordestino é carregada de estereótipos preconceituosos. Macabéa é vista como raquítica — como se observa no trecho acima — e veste-se com um vestido de chita — típica indumentária da mulher nordestina: “Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia mal, só tinha até o terceiro ano primário” (LISPECTOR, 1998, p. 150).

Na visão do narrador, a jovem e seu namorado, Olímpico de Jesus, seriam classificados como animais: “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam (LISPECTOR, 1998, p. 43)”. Destarte, o nordestino, por estar distante dos grandes centros econômicos, é visibilizado na novela como um ser que vive à margem. Conforme salienta Sá (2004), “Rodrigo frequentemente se refere a Macabéa como ‘a nordestina’, estendendo os atributos de sua protagonista a todas as mulheres provenientes dessa região do Brasil, ou pelo menos às pobres e migrantes” (SÁ, 2004, p. 50).

Por outro lado, as identidades da personagem Macabéa são aceitas por ela mesma e como tal revelam sua autoafirmação: “Porque, por pior que fosse sua situação, não queira ser privada de si, ela queria ser ela mesma (LISPECTOR, 1998, p. 32)”; “Já que sou, o jeito é ser (LISPECTOR, 1998, p. 34)”. Esse olhar da migrante sobre si mesma e sua identificação, corroboram com o pensamento de Hall (2006):

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2006, p. 38-39).

Portanto, o discurso cultural da elite está visível, como evidencia a análise, por meio dos estereótipos que permeiam AHE. Após o olhar desse ponto da trama de Lispector, observar-se-á as demais categorias específicas elencadas por Reis (1992) como imprescindíveis para um processo de desconstrução do cânone na literatura. Isto posto, nas duas subseções que se seguem serão abordados os fatores classe, sexo, gênero e raça.

### 3.1 Diferentes leituras de AHE: classe e sexo em foco

Uma leitura atenta à obra AHE, bem como a qualquer obra literária, revela os elementos classe, sexo, gênero e raça elencados por Reis (1992) como fundamentais para uma análise crítica dos cânones.

A categoria *classe* manifesta-se ao longo da novela no confronto entre classes sociais e na crítica à burguesia e ao capitalismo. No trecho a seguir, por exemplo, o embate entre camadas sociais distintas evidencia-se:

A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo. Depois — ignora-se por quê — tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. [...] Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Nessa passagem, o narrador descreve a situação social da migrante nordestina no Rio de Janeiro. Conforme seu relato, Macabéa pertencia a uma subclasse, era assalariada, trabalhava como datilógrafa, passava fome e vivia em um quarto com quatro Marias — “Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas” (LISPECTOR, 1998, p. 31) —, as quais eram balconistas de uma loja de departamentos. Essa referência a quatro mulheres, todas Marias, é um indício da tentativa de exposição da realidade social brasileira metaforicamente idealizada a partir da simbolização da mulher pobre moradora das periferias.

A crítica ao sistema capitalista e à realidade brasileira da personagem principal da novela de Clarice Lispector é expressa em trechos nos quais o leitor é tomado por um sentimento de piedade e compaixão perante Maca — como a obra também denomina Macabéa: “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa

de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (LISPECTOR, 1998, p. 32). A moça era tão pobre que não conseguia comprar roupas ou acessórios. Contudo, os impulsos capitalistas a acometiam por meio de olhares atentos às vitrines de lojas: “Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de jóias [sic] e roupas acetinadas — só para se mortificar um pouco” (LISPECTOR, 1998, p. 34-35).

Outro aspecto da crítica ao sistema capitalista está quando Macabéa vê o livro *Humilhados e Ofendidos*, passando, assim, a ter consciência de sua condição como proletária. A obra que proporcionou essa epifania, ou seja, a revelação de Maca, é do escritor Fedor Dostoiévski. Nessa obra russa, há uma cidade “bela e lúgubre, onde os ricos se repimpavam no luxo mais ostensivo e os pobres não tinham o que comer” (KOONTZ, 2018, *on-line*), o que muito assemelha-se à história da alagoana:

Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 1998, p. 40).

A jovem e seu namorado eram proletários, mas, consideravam-se um “casal de classe”. Ele vivia de graça em uma guarita de obras de demolição e não questionava a sua função no trabalho, simplesmente fazia-a. Esse aspecto, permite uma aproximação com o conceito de Marx de alienação, o qual é a “ação pela qual [...] um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam [...] alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados [...] de sua própria atividade (e à atividade ela mesma)” (BOTTOMORE, 2001, p. 5):

Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de “operário” e sim de “metalúrgico”. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe. A tarefa de Olímpico tinha o gosto que se sente quando se fuma um cigarro acendendo-o do lado errado, na ponta da cortiça. O trabalho consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo. A vida não lhe era má e ele até economizava um pouco de dinheiro: dormia de

graça numa guarita em obras de demolição por camaradagem do vigia (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Perante o exposto, evidencia-se que o fator *classe* em AHE é marcado pelas discussões das desigualdades sociais, do processo de alienação e críticas à burguesia. Após esse olhar, proceder-se-á ao enfoque sobre a categoria *sexo*, sempre levando em conta o que propõe Reis (1992).

Macabéa deveria casar-se com um vestido branco, símbolo da virgindade, do casamento, nascimento e da iniciação (LEXICON, 1998). Essa é uma tradição ocidental presente, ainda hoje, na sociedade brasileira e que é narrada na novela de Lispector: “Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca. Essa idéia [*sic*] de borboleta branca vem de que, se a moça vier a se casar, casar-se-á magra e leve, e, como virgem, de branco” (LISPECTOR, 1998, p. 21). Corroborando com esta visão, Maca é vista por Olímpico como uma moça-donzela, virgem, intocada, pura e inocente, visão que predominava no romantismo.

A repressão sexual é outro ponto que perpassa a história da jovem migrante alagoana. Ela sentia-se assexuada:

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia (LISPECTOR, 1998, p. 34).

A personagem principal sonhava com a relação sexual e isso era um tabu para ela, pois achava errado devido à repressão que sofreu da tia quando mais jovem. Então, ao acordar rezava para que o “pecado” fosse perdoado:

Ela sabia o que era o desejo — embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Dessa forma, o *sexo* em AHE é tratado em diferentes passagens, ora sob o enfoque da virgindade, ora pela sexualidade reprimida sofrida por Maca desde pequena no sertão nordestino.

### 3.2 Gênero e raça em AHE

Abordar o *gênero* no século XXI diverge dos pensamentos em voga no momento de publicação de AHE, na segunda metade do século XX. Ainda hoje, essas relações não estão livres dos estigmas de uma sociedade preconceituosa. Todavia, as minorias se encontram em processo de reterritorialização (GUATTARI; DELEUZE, 2003) e após anos de opressão vêm conquistando sua representatividade.

Os protagonistas de Lispector revelam a identidade de homens e mulheres oriundos de uma população regida pelo machismo e paternalismo. “Esse patriarcado caracteriza-se pelo predomínio de valores masculinos, fundamentados em relações de poder exercidas por complexos mecanismos de controle social que oprimem e marginalizam as mulheres” (MASI; AMATO, 2009, p. 24). Na obra AHE, é evidente a postura machista que Olímpico exerce sobre sua namorada.

Macabéa, uma mulher nordestina, é descrita por adjetivos que lhe atribuíam toda uma gama de preconceitos, entre os quais estão os apelidos ignorante, incapaz, submissa e virgem. Como afirmam Masi; Amato (2009) “é, ainda que sua consciência não o consiga perceber, antes de tudo, uma mulher. Mulher que, analisada por seu gênero, ao longo da História sempre ocupou o segundo plano das relações sociais [...] não deixa[ndo] de ser a personificação da mulher como ser oprimido” (MASI; AMATO, 2009, p. 22-23), o que faz da classe feminina uma das minorias existentes.

Em outra personagem da obra, nota-se a objetificação da mulher quando Olímpico compara Glória, amiga de trabalho de Macabéa, a uma mercadoria, como se averigua no trecho a seguir: “Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade” (LISPECTOR, 1998, p. 59). O adjetivo que é associado à moça explicita a inferioridade com qual muitos se referem aos corpos femininos, revelando pensamentos machistas.

Olímpico de Jesus Moreira Chaves era do sertão paraibano, homem, esperto, ambicioso e dominador. O personagem, conforme assinalam Masi; Amato (2009):

nas entrelinhas, representa um grupo social que não consegue desligar-se de suas origens, mas que, ao mesmo tempo, possui a ânsia de conquistar sempre algo a mais, sem qualquer noção de moralidade, pudor ou decoro. Por essa razão, Olímpico trata Macabéa como um animal, até porque dela não pode esperar mais do que uma mera companhia presencial (MASI; AMATO, 2009, p. 23).

Isso se observa no trecho: “— Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero” (LISPECTOR, 1998, p. 51). Em outro diálogo que teve com a namorada, Olímpico diz que saber álgebra é coisa de “homem que vira mulher”. Esse comportamento, comum à época, classifica-se hoje como uma visão preconceituosa e estereotipada:

— Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em “élgebra”. O que é que quer dizer “élgebra”?

— Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita (LISPECTOR, 1998, p. 50).

Segundo Borges (2014):

O machismo que caracteriza Olímpico [...] figura traços caricatos da sociedade patriarcal do Brasil nos anos 1970, quando movimentos feministas, pertencentes principalmente às classes médias, questionam a posição social da mulher na ordem geral da vida. Não estamos afirmando que hoje, mais de trinta anos depois, vivamos em uma sociedade mais igualitária, muito pelo contrário; a discussão sobre gêneros, que ultrapassa o binômio masculino e feminino, nunca esteve tão em voga (BORGES, 2014, p. 86).

Diante disso, sabe-se que o discurso machista deve ser, ainda hoje, alvo de muitas lutas a serem vencidas para que se consiga viver numa nação mais igualitária.

Já a categoria de *raça* na obra de Lispector é retratada pela maneira como Glória, com características e atributos de uma mulher negra, tem seu corpo hipersexualizado. Essa posição é evidente no imaginário de Olímpico em relação à moça: “Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido” (LISPECTOR, 1998, p. 59); “Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira” (LISPECTOR, 1998, p. 60). Os trechos revelam estereótipos atribuídos ao corpo da mulher negra que permanecem arraigados na sociedade, visto que:



Glória se enquadra nos moldes das convenções de uma ideologia apologética da mestiçagem, que produz clichês em torno de uma suposta superioridade da mulher mestiça brasileira, cujas qualidades realçadas são principalmente as que se relacionam com a sensualidade. Vemos que “Apesar de branca, tinha a força da mulatice”, que numa sociedade de forte herança escravista é uma qualidade que carrega certa ambivalência, ora considerada como positiva, ora vista como negativa, de acordo com [a] situação (FREIRE; TEIXEIRA 2015, p. 141).

Esse pensamento também corrobora com o de Borges (2014). Segundo ela, não se deve “deixar de pontuar, ainda que em linhas bastante gerais, a falácia da democracia racial brasileira, a exemplo da descrição de Glória, que tem seu ‘sangue africano bem escondido’ e seu genótipo negro só é valorizado em relação à sexualidade, como objeto de desejo” (BORGES, 2014, p. 89-90). Dessa forma, fica evidenciada a categoria *raça* na obra AHE, mostrando como o negro ainda sofre com o estigma que lhe é associado pela cor de sua pele e principalmente como a mulher negra tem seu corpo erotizado no imaginário da sociedade, causando a segregação dessa população que, mesmo com muita luta, continua sendo oprimida.

### Considerações finais

“Como a lagarta que deixa o seu casulo transformando-se em uma borboleta”, o processo árduo e impactante de desconstrução dos cânones literários é significativo. Mas, como efetuar-lo na obra AHE de Clarice Lispector? As contribuições do ensaio de Reis (1992) ofereceram orientações e enfoques acerca de leituras críticas, ou como o teórico denomina, “maneiras de ler” o texto literário.

A observação ao discurso cultural da elite, sob a perspectiva dos estereótipos presentes em AHE, permitiram uma análise profunda do que é a estereotipia sobre o nordeste do Brasil demonstrando, dessa maneira, a sua face mais aparente.

Os fatores classe e sexo elencados na novela pelas vozes de Rodrigo S. M., Olímpico de Jesus e Macabéa possibilitaram uma discussão a respeito das disputas entre classes sociais e ponderações sobre o sistema capitalista. Sobre a categoria sexo, nota-se que AHE mantém um *continuum* com o pensamento machista, além do foco sobre a repressão sexual que Macabéa fora vítima em sua juventude.

Nas análises sobre gênero, demonstrou-se que o discurso paternalista e a objetificação da mulher estão presentes na obra lispectoriana. A respeito da raça, a hipersexualização da mulher negra é posta em destaque.

Portanto, leituras interpretativas sobre a obra canônica *A Hora da Estrela*, como evidenciado pelo texto, são possíveis e devem ser realizadas por leitores, tanto mais experientes quanto pelos que ainda estão em processo de escolarização. As “maneiras de ler” são uma forma de destacarem-se passagens/trechos fundamentais para a discussão sobre o processo de canonização, o qual não está envolto em uma a-historicidade, como salienta Reis (1992). Os resultados deste artigo evidenciam que a leitura de AHE, assim como de outras obras, deve ser marcada tanto pelo desejo de fruição estética, quanto pelo anseio de revelarem-se os meandros que envolvem a canonização do objeto literário. Como diria Lispector (1998, p. 11), “tudo começou com um sim”, sim marcado pelo desejo de análise crítica dos cânones.

### Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. *Comunicação & educação*, n. 13, p. 7-14, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820>. Acesso em: 10 out. 2020.
- BORGES, Tânia Cristina Souza. “*A culpa é minha*” ou “*A hora da estrela?*”: uma análise do romance a hora da estrela de Clarice Lispector. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-03112014-150447/publico/2014\\_TaniaCristinaSouzaBorges\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-03112014-150447/publico/2014_TaniaCristinaSouzaBorges_VCorr.pdf). Acesso em: 13 out. 2020.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada. literaturas nacionais e o questionamento do cânone. *Revista brasileira de literatura comparada*, v. 3, n. 3, p. 67-73, 1996. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37/38>. Acesso em: 09 out. 2020.
- FREIRE, Manuel; TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. A hora da estrela uma encenação cômica da tragédia brasileira. *Raído*, v. 9, n. 20, p. 133-145, 2015. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4263>. Acesso em: 13 out. 2020.
- GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. O que é uma literatura menor? In: GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Kafka: por uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. Uma Leitura do Processo de Formação do Cânone Literário: o relativismo literário e a pretensão à universalidade. *Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 18, n. 3, p. 01-15, 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/624/493>. Acesso em: 09 out. 2020.

KOONTZ, Jeffa. [Resenha #395] Humilhados e Ofendidos - Fiódor Dostoiévski. *Saga Literária*. 2018. Disponível em: <https://www.sagaliteraria.com.br/2018/01/resenha-395-humilhados-e-ofendidos.html>. Acesso em: 22 fev. 2020.

LEXICON, Herder. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASI, Carlo Velho; AMATO, Gabriela Cruz. A estigmatização do gênero feminino em A hora da estrela: uma reflexão criminológica acerca da violência contra a mulher. *Direito & Justiça*, v. 35, n. 1, p. 22-27, 2009. Disponível em: [http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1367012421\\_A%20estigmatiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20g%C3%AAnero%20feminino%20em%20A%20hora%20da%20estrela.pdf](http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1367012421_A%20estigmatiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20g%C3%AAnero%20feminino%20em%20A%20hora%20da%20estrela.pdf). Acesso em: 13 out. 2020.

OLIVEIRA, Helena. A última entrevista de Clarice Lispector. *Revista Bula*, Brasília, c2020. Disponível em: <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (org). *Palavras da crítica: Tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033631/mod\\_resource/content/1/REIS%2C%20Roberto%20-%20C%C3%A2non.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033631/mod_resource/content/1/REIS%2C%20Roberto%20-%20C%C3%A2non.pdf). Acesso em: 05 jan. 2021.

SÁ, Lúcia. A hora da estrela e o mal estar das elites. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 23, p. 49-65, 2004. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4846096>. Acesso em: 10 out. 2020.

SOARES, Maria Elias. O discurso feminino de Clarice Lispector em A hora da estrela. *Revista de Letras*, v. 1, n. 24, p. 75-79, 2002. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16089/1/2002\\_art\\_mesoares.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16089/1/2002_art_mesoares.pdf). Acesso em: 16 out. 2020.